

A LITERATURA COMPARADA E OS ESTUDOS DE TRADUÇÃO – ALGUMAS DIREÇÕES DA PESQUISA OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA

Sara Viola Rodrigues

UFRGS

A reflexão sobre o tema “Zonas Francas: novas transações comparatistas” – elemento articulador dos trabalhos do IV Colóquio Internacional Sul de Literatura Comparada, realizado no Instituto de Letras da UFRGS em outubro de 2010, e especificamente sobre um de seus subtemas “Homogeneização, multilinguismo e tradução cultural”, levou-nos à retomada da questão do papel da tradução em sua relação com a literatura e a cultura.

Nessa perspectiva, consideramos pertinente discutir o ensaio “Comparative Literature and Translation: some observations”, de Sandra Bermann, professora e pesquisadora da Universidade de Princeton, e que foi publicado no volume 26 de *Literary Research*, no ano de 2010. No ensaio, Bermann apresenta um panorama bastante abrangente e atual, embora sintético, das principais direções da pesquisa ocidental contemporânea na área da tradução e Literatura Comparada, com indicação de obras bibliográficas ilustrativas dos estudos realizados. Além disso, a ensaísta manifesta duas ideias a respeito do fenômeno da tradução sobre as quais vamos nos deter logo a seguir.

No periódico mencionado, Bermann inicia o texto destacando o poder transformador e inovador da tradução, sem deixar de aludir às variadas e complexas funções outras da tradução, apontadas ao longo da história por alguns de seus mais eminentes e conhecidos teóricos:

Pensar sobre o papel da tradução relativamente à história da literatura e da cultura nos leva a uma aguda percepção de seu potencial transformativo. De Cícero a Lawrence Venuti e Maria Tymoczko, encontramos demonstrações do poder e também da complexa e variada gama de funções da tradução. À medida em que a tradução se apresenta exaustivamente, hoje, nos contextos pós-colonial, pós-estruturalista e, ainda, pós-nacional, sub-nacional, inter-nacional, torna-se evidente sua capacidade de prolongar a vida de textos literários e culturais e também de intervir nos efeitos desses textos, em âmbito mundial. (p.15)¹.

Em seguimento, a ensaísta apresenta, a nosso ver, a ideia mais importante do artigo, porque potencialmente muito produtiva para uma retomada da reflexão sobre a tradução ao longo do tempo, e com uma possível abertura para o novo: *repensar a*

Doutora em Literatura Comparada.

Neste trabalho, todas as traduções das citações são de nossa autoria.

tradução no século XXI (...) pode ter como resultado o refinamento e a ampliação de nossas visões sobre leitura e crítica comparadas (p.15). Bermann explica como isso se daria:

Idealmente, uma maior atenção para o fenômeno da tradução criaria um modo particular de leitura, linguístico e textual, em que a prática da tradução é entendida como um fenômeno tanto local, como global; como algo específico, contudo ligado a afiliações e solidariedades mais amplas. Tal abordagem – influenciada pela perspectiva da tradução – segundo teorias e práticas tradutórias de diferentes partes do Globo, poderia instrumentalizar a Literatura Comparada para o desempenho de um papel particular de abertura e democratização nos estudos literários hoje.

Em outras palavras, é possível resumir sua proposição da seguinte forma: deve-se ler do mesmo modo que se traduz, ou seja, com uma aguda atenção para todos os níveis textuais, desde o fonemático até o semântico, tendo como referência o contexto situacional do texto, o que implica o aspecto cultural. Isso inegavelmente produz uma leitura detalhada, perspicaz e acaba ensejando uma nítida consciência do Outro, primeiro passo para o reconhecimento desse Outro, seja ele o indivíduo, o povo, a cultura.²

Para os estudiosos da teoria da tradução isso não é novidade. Entre nós, brasileiros e latino-americanos, tanto Octavio Paz (1981), quanto Haroldo de Campos (1996) já haviam salientado a estreita conexão entre traduzir e ler em profundidade. No texto de Haroldo de Campos (1996, p.241), “Paul Valéry e a Poética da Tradução”, a concepção valeriana sobre tradução anula, como diz Haroldo, “a suposta diferença categorial entre *escritura e tradução*”:

Escrever o que quer que seja, desde o momento em que o ato de escrever exige reflexão e não é a inscrição maquinal e sem detenções de uma palavra interior toda espontânea, é um trabalho de tradução exatamente comparável àquele que opera a transmutação de um texto de uma língua a outra.

Semelhante ponto de vista está presente no texto “Traducción: literatura y literalidad” de Octavio Paz (1981:7-9). As palavras iniciais de Paz na introdução do capítulo são: “*Aprender a hablar es aprender a traducir*”. O poeta diz que quando a criança pergunta à mãe sobre o significado de uma palavra, na verdade o que ela deseja é que a mãe traduza para sua linguagem o significado do termo traduzido. Paz declara

² O passo subsequente – o respeito pelo Outro e sua valorização – é uma questão complexa que tem sido extensamente abordada pelos estudiosos da Tradução, principalmente na literatura pós-colonial. Sobre essa questão, ver, por exemplo, CAMPS, Assumpta (ed.). *Ética y política de la traducción em la época contemporánea*. Barcelona: PPU, 2004.

que o “significado da tradução dentro de uma língua, não é, nesse sentido, essencialmente distinto da tradução entre duas línguas diferentes”. Pouco mais adiante, ao referir o efeito destruidor da universalidade do espírito, pela Idade Moderna, e enfatizando as diferenças culturais em todos os seus níveis, Paz observa:

La traducción ya no es una operación tendiente a mostrar la identidad última de los hombres sino que es el vehículo de sus singularidades. Su función había consistido en revelar las semejanzas por encima de las diferencias; de ahora en adelante manifiesta que esas diferencias son infranqueables, trate-se de la extrañeza del salvaje o la de nuestro vecino.

No mesmo capítulo, o poeta discorre sobre as divisões que passam a existir a partir da modernidade e assinala que no âmago de cada língua esta idéia de totalidade indivisível também deixa de existir, lá havendo a reprodução das divisões originadas pelas épocas históricas, classes sociais, gerações. A isso poderíamos acrescentar, especificando mais, *etnias, gênero e culturas*.

Movendo-nos para estes primeiros tempos do século XXI, constata-se a permanência do crescente interesse pelos Estudos de Tradução vinculado a paradigmas teóricos da época, conforme atestam os dados referidos por Bermann sobre numerosos eventos recentes. Entre esses, destacam-se aqueles organizados pela Associação Americana de Literatura Comparada (AALC) e também pela Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC), com temáticas sugestivas relacionadas à tradução e que igualmente dão suporte às conclusões de Bermann sobre o poder transformador e inovador da tradução.³

Como evidência desse interesse pelos Estudos de Tradução, a referida autora comenta duas dezenas de livros lançados, dentre os quais destacamos o de Emily Apter: *The Translation Zone: A New Comparative Literature* (2005) pelo conceito de inovação que a obra apresenta.

Nessa obra, Apter traça os caminhos entrelaçados da Literatura Comparada com os Estudos da Tradução e, acercando-se das ideias de Spitzer, Said, Derrida e Spivak, ela defende que se coloque a questão da linguagem em primeiro plano; isso ajuda o tradutor a inovar a significação da obra literária, quando questiona e desconstrói significados linguísticos restritivos e suposições culturais limitadoras, geralmente

³ Em 2009, o Encontro da Associação Americana de Literatura Comparada elegeu como tema “*Global Languages, Local Culture*” [Linguagens Globais, Culturas Locais]; no mesmo ano, o Encontro da Associação de Línguas Modernas (conhecida no mundo inteiro pela sigla em inglês MLA) abordou “*The Tasks of Translation in the Global Context*” [As Tarefas da Tradução no Contexto Global]; em 2010, a Associação Americana de Literatura Comparada escolheu o seguinte tema para o Encontro: “*Creoles, Diásporas, Cosmopolitanisms*” [Creoles, Diásporas, Cosmopolitanismos].

associados a simplificações culturais que se revelam quando o tradutor aciona uma tentativa de solução dos impasses tradutórios, ou das passagens “intraduzíveis”.

Na realidade, evidentemente não só Emily Apter, mas vários autores da segunda metade do século XX, entre os quais citam-se Lawrence Venuti, Theo Hermans, Paul Bandia, Michael Cronin, Jeremy Munday, Maria Tymoczko, desenvolvem temas nas águas da corrente cultural que tem marcado presença na história da tradução desde o início dos anos 1990.

Além desses, dois nomes inteiramente conhecidos no mundo dos estudos tradutórios, Susan Basnett e André Lefevere, já haviam enfatizado a importância do conhecimento profundo de linguagem e tradução para uma “nova” Literatura Comparada. Esse conhecimento, fruto de muita pesquisa e reflexão, terminou por originar o “*cultural turn*” – ou “virada cultural” dos Estudos de Tradução – que mudou a ênfase, em seus Estudos, da linguística para contexto e função, isso sob o influxo da perspectiva crítica de Edward Said – especialmente com as obras *Orientalism* (1978), e *Culture and Imperialism* (1993); Jacques Derrida e suas obras *Gramatologia* (1973) e *A escritura e a diferença* (1971), e Gayatri Spivak, com o texto *A Critique of Postcolonial Reason: Towards a History of the Vanishing Present* (1999).

Essa nova tendência de focalizar o aspecto cultural nos Estudos de Tradução continua na ordem do dia dos referidos Estudos e está em estreita ligação com a principal função da Literatura Comparada hoje, como veremos mais adiante. A esse respeito, Vidal (1998, p.51-63) apresenta um ensaio teórico-crítico, cujo título não poderia ser mais revelador: “La Cultura como Unidade de Traducción”. A bem da verdade, este conceito foi primeiramente elaborado por Snell-Horby (1995), ao tratar da relação entre língua e cultura no capítulo “Translation as a cross-cultural event” de seu livro intitulado *Translation Studies – An Integrated Approach*.

Vejamos agora de forma breve alguns aspectos do pensamento dos autores mencionados sobre a relação entre língua/linguagem/cultura e os Estudos de Tradução. Como dissemos, são ideias que continuam a nutrir o pensar e o fazer tradutório em nossos dias. São ideias que fazem parte dos programas teóricos dos cursos universitários. São conceitos que norteiam o trabalho prático dos tradutores.

Começemos por Susan Basnett. Em seu antológico *Estudos de Tradução* (1991/1998/2005), ela já havia enfatizado a importância da relação língua e cultura para os estudos tradutórios. Depois de estabelecer que

O primeiro passo em direção a um exame do processo de tradução deve ser o de aceitar que, embora a tradução tenha um núcleo central de atividade linguística, este pertence mais propriamente à semiótica, a ciência que estuda os sistemas ou estruturas dos signos, seus processos e suas funções. Além da noção enfatizada pela abordagem estritamente linguística, esta tradução envolve a transferência do “significado” contido em um conjunto de signos de linguagem em um outro conjunto de signos de linguagem através do uso competente do dicionário e da gramática, o processo envolve também um conjunto completo de critérios extralinguísticos.

Basnett sentencia:

A língua (...) é o coração do corpo da cultura, e é a interação entre os dois que resulta na continuação da energia-vida (*life-energy*). Do mesmo modo que o cirurgião, ao operar o coração, não pode negligenciar o corpo que o circunda, o tradutor correrá risco se tratar o texto isoladamente da cultura. (Ibid., p. 36).

Em outro momento e obra (no capítulo 8, sob o título de “Translation Turn in Cultural Studies”, do livro *Constructing Cultures – Essays on Literary Translation*, 1998), Susan Basnett dirige seu pensamento crítico para a questão da mudança de ênfase nos estudos tradutórios que passaram da fase formalista (foco linguístico), para a fase extralinguística com a atenção voltada para as questões mais amplas do contexto, da história e das convenções. Referindo-se igualmente a André Lefevere, declara Basnett (p.123):

Denominamos esta mudança de ênfase “virada cultural” nos estudos de tradução, e sugerimos que um estudo dos processos de tradução combinado com a prática da tradução poderia ser um meio para se compreender como ocorrem os complexos processos de manipulação textual: como, por exemplo, se seleciona um texto para ser traduzido, qual o papel do tradutor nessa seleção, quais os papéis do organizador, editora ou patrocinador, quais critérios determinam as estratégias que serão empregadas pelo tradutor, como o texto seria recebido no sistema meta. Pois a tradução sempre acontece em um *continuum*, jamais no vazio, e vários tipos de restrições textuais e extratextuais condicionam o tradutor. Essas restrições, ou processos manipulatórios envolvidos na transferência de textos, tornaram-se de primeira importância para os estudos de tradução, e para analisá-los, os estudos de tradução ampliaram-se e aprofundaram-se.

A partir dessas ideias é natural a dedução de que a área da literatura seja fortemente afetada por tais restrições, já que se sabe que uma das funções da tradução é a circulação de obras literárias traduzidas. Nessa perspectiva, e como os estudos sobre tradução literária normalmente estão imbricados com os estudos comparados, decorre que era previsível o que vem ocorrendo: o aumento da pesquisa em torno das questões

de linguagem e cultura, tanto para o estudioso da tradução, quanto para o crítico comparatista.

Em termos da sobrevivência e circulação da obra literária, cabe mencionar *Translating Literature – Practice and Theory in a Comparative Literature Context* (1992), livro de André Lefevere muito utilizado na academia, especialmente em cursos de tradução e Literatura Comparada. Num contexto teórico derrideano, Lefevere faz uma revisão de teoria da tradução e apresenta a tese de que a tradução é um processo de reescritura. Esse processo é responsável pela sobrevivência da obra e deve ser estudado em todos os seus aspectos dentro do tema da função da tradução em uma determinada cultura. cremos que a influência desse material teórico prático tem sido enorme nos centros de formação universitários e continua sendo balizador para muitos trabalhos de pesquisa em três áreas da tradução literária: processo, produto e recepção.

Retomando as questões da linguagem e da cultura nos estudos tradutórios e comparados, é importante assinalar que há um grande volume de trabalhos sobre as referidas questões na crítica literária pós-colonial. Em 1993, Susan Basnett já aludia a isso, ao discorrer em *Comparative Literature: A Critical Introduction* sobre como acontecem as relações entre a tradição local e a importada, com ênfase no estudo de como a literatura nacional foi/é influenciada pela cultura importada. Basnett considera construtivo o modo como a Literatura Comparada tem sido usada em países que deixaram de ser colônias (como os países da Ásia, da África e da América Latina) e que buscam essa pesquisa comparada no intuito de entender o passado para construir o presente e o futuro em novas bases emancipatórias, a partir do processo de reconstrução e afirmação de suas identidades nacionais. Esse processo de revisão tem como um de seus resultados a permanente revisão do cânone.

Assim, segundo Susan Basnett (id.ibid.), a crise da Literatura Comparada deflagrada por René Welleck, 1958/1995 (para quem o objeto e método(s) da Literatura Comparada seriam artificiais), só acontece na Europa e Estados Unidos, pois que nos países acima mencionados, a Literatura Comparada está viva, atuante e é parte da constituição de suas identidades culturais e literaturas nacionais. Tal quadro de acontecimentos na segunda metade do século XX coincide com outros movimentos como o da crítica feminista e, talvez o mais importante, com a mudança de paradigma teórico do estruturalismo para o pós-estruturalismo, e as consequências vitais para o papel do leitor e a recepção da obra literária.

A intensa atividade dessa crítica transcultural – mediada pela tradução – dá-se, segundo Basnnett, no terreno da Literatura Comparada, cujo ponto de partida deve necessariamente ser a cultura local, obedecendo a um movimento de dentro para fora, ao contrário do que era feito antes, em que se iniciava pelo exame do modelo europeu para, depois, olhar-se para o local, conforme Nitrini (1997).

O exame das obras de literatura e de seus diferentes contextos e culturas, pela mediação quase constante dos Estudos de Tradução, deram margem à volta das questões ligadas à *Weltliteratur* de Goethe. Entretanto hoje a Literatura Mundial é um conceito que agregou muitas nuances que não cabe desenvolver aqui, mas que, em todo caso, está sendo amplamente discutido pelos estudos comparados, especialmente a partir das discussões sobre a formação de cânone(s).

Jonathan Culler é um dos críticos que tem se ocupado desse tema. Culler (2006, p. 246), chega a afirmar que os estudos comparados estão dando margem a uma nova literatura mundial:

It is possible to take an interest in the literature of the world as a repertoire of possibilities, forms, themes, discursive practices: comparative literature, I have argued, is the right place, especially today, for the study of literature as a discursive practice, a set of formal possibilities, thus poetics.

De qualquer modo, a questão cultural continua ocupando o centro de interesse da crítica nas ciências humanas e, como não poderia deixar de ser, nos Estudos de Tradução e na Literatura Comparada. Entretanto, e por isso mesmo, cabe uma revisão sobre como está sendo atualizada essa questão nesta primeira década do século XXI. Sabemos que o termo “tradução cultural” está longe de apontar para uma única conceituação. Nessa perspectiva, trazemos a contribuição de Anthony Pym (2010) que apresenta uma das explicações para seu significado:

“Cultural Translation” may be understood as a process in which there is no source text and usually no fixed text. The focus is cultural processes rather than products. The prime cause of cultural translation is the movement of people (subjects) rather than the movement of texts (objects). (p. 144).

Disso se depreende que a crítica da tradução cultural se preocupa antes com os processos culturais, do que com os produtos linguísticos. Aliás, Pym declara, ele próprio (p. 148) essa mesma ideia e acrescenta que “ao invés de uma hermenêutica de textos, a tradução cultural tem se caracterizado por uma maneira de falar sobre o mundo”. (id.ibid.).

Avançando na leitura desse livro, e observando-se as várias faces do fenômeno da tradução cultural, é impossível não concluir que antes de se afirmar que a tradução cultural é um novo paradigma dos Estudos da Tradução em nosso tempo, é necessário desenvolver mais pesquisas sobre seu uso nas várias áreas do conhecimento, como na sociologia, na antropologia, na psicanálise e na própria Literatura Comparada.

Mas sem dúvida, a tradução cultural é um excelente meio de se perceber como os processos tradutórios operam no mundo de hoje, e como a tradução tem influenciado na história das sociedades, através de seu poder de intervenção que se revela nas negociações efetivadas pelo tradutor ao lidar com questões de gênero, história ou política contemporânea.

Nessa esteira da relação do tradutor com o local e o global, trazemos a figura de Michael Cronin. Reconhecido na área da Literatura Comparada, Cronin vê a tradução como uma oportunidade para apresentarmos nossa própria compreensão do texto-fonte que temos à frente. Essa compreensão é oriunda da negociação que com ele estabelecemos a partir de nosso igualmente particular ponto de vista. Em suas duas obras, *Translation and Globalization* (2003) e especialmente em *Translation and Identity* (2006), Cronin deixa bem claro que pensar sobre a tradução nessa perspectiva permite que as especificidades culturais do Outro se tornem evidentes, afastando o processo de homogeneização, ou domesticação. O autor enfatiza que é, contudo, sempre necessária uma negociação com a cultura receptora. Nada de muito novo, se pensarmos em Gideon Toury e outros teóricos que focaram a língua/cultura meta.

Na perspectiva de Cronin, aceitar a tradução como um *modo de relação*, ou de *conexão*, garante que tais relações serão tão variadas quanto forem os tradutores e autores, pois em tal processo haverá espaço para a complexidade de ideologias, crenças, mentalidades, linguagens e contextos culturais dos diferentes tradutores. Assim, a tradução pode efetivamente nutrir a diversidade, vendo *o local* com um olhar para mais além, com um olhar para *o global*, ou seja, um olhar que considera afiliações e solidariedades mais amplas.

Aqui cabe observar que Cronin está teoricamente afinado com o posicionamento de Octavio Paz anteriormente comentado: há trinta anos, Paz salientava que a tradução aponta principalmente para as diferenças.

Bermann assinala que as idéias de Cronin são interessantes não somente para os especialistas em tradução, mas igualmente para as áreas literárias – e não literárias, porque, aceitar o trabalho da tradução no que ele chama de nível microcosmopolita,

permite pensar o global de modo mais aberto, mas também pensá-lo localmente, de modo mais específico, preciso, focado no ‘aqui’. Ele sugere que estudemos a literatura e a cultura ‘from below’ ‘a partir da base’, ‘de baixo’ (evidentemente sem a conotação de inferioridade). O que o autor aconselha é que se comece o estudo da tradução pelo estudo profundo da própria língua, com suas, muitas vezes invisíveis imbricações históricas e culturais, fazendo o mesmo com a própria cultura; isso poderia conduzir a uma discussão crítica em termos lingüísticos e/ou culturais de qualquer língua ou cultura (e não apenas das línguas/culturas hegemônicas inglesa, francesa, espanhola etc), criando um olhar interessado e atento para outras línguas e culturas. Desse modo, a proposta de Cronin oferece uma resposta policêntrica para os desafios da tradução na linha do que foi postulado no início deste texto, ao mesmo tempo em que enfatiza a importância de uma leitura em profundidade de textos e contextos. O resultado é um método não elitista de abordagem da tradução, ancorado num estudo lingüístico e cultural profundo, rigoroso e sensível.

Seria interessante associar às ponderações desse teórico, uma recomendação de Emily Apter, dada no livro que já referimos anteriormente (*The Translation Zone: a new Comparative Literature*). Semelhantemente a Cronin, Apter enfatiza a necessidade de colocar as questões da linguagem/língua em primeiro plano. Ao analisar problemas teóricos específicos da tradução, a autora chama a atenção para o fato de que a tarefa da tradução não é somente garantir a sobrevivência do texto (na expressão de Walter Benjamin (2000). Segundo Apter, trata-se, além disso, de atentar para seu potencial de *transformar*; trata-se de ‘des-afirmar’, desconstruir, algumas crenças culturais e lingüísticas que restringem a tradução. Buscando (e encontrando) nas lacunas e diferenças lingüísticas e seus impasses tradutórios (as coisas intraduzíveis), os meios de separar nosso entendimento das palavras, de seus estereótipos e significações advindas de simplificações culturais, Apter traz a lume o potencial da tradução e da Literatura Comparada para a criação de novos espaços imaginativos para as humanidades.

Nesse sentido, retornamos a Cronin com uma conclusão aparentemente óbvia para qualquer estudioso de Teoria da Tradução hoje:

Um dos modos pelos quais nos conectamos com outros de diferentes línguas e culturas é por meio da tradução, portanto o compromisso com a elaboração de modelos de tradução sensíveis ao aspecto cultural parece central para qualquer conceito de cidadania global no século XXI (2006, p.30).

É fácil de entender, difícil de executar. A segunda parte de sua afirmativa é a proposta de um projeto de alcance, à primeira vista, inimaginável. *Elaborar modelo de tradução sensível ao aspecto cultural* é uma recomendação absolutamente razoável, óbvia e, ao mesmo tempo, totalmente vaga e de uma amplitude imensurável. Será menos impraticável se estribada nos fundamentos de Emily Apter, resumidamente referidos acima. Mas, mesmo assim, é preciso discriminar bem o significado da sugestão de Cronin, pois, de fato, *elaboração de modelo* pode trazer à mente a ideia de criação de um construto normatizado, fechado; algo como um *continente* para abarcar os *conteúdos* desta ou daquela situação cultural, descrevê-la, explicá-la, interpretá-la.

Na realidade, em nosso ponto de vista, talvez o que Cronin deseja salientar é que se trata antes de oferecer ao tradutor ferramentas de pesquisa e linhas de raciocínio que lhe permitam construir um tipo de mentalidade aberta às diversidades lingüísticas, culturais, históricas e, principalmente, filosóficas do estrangeiro.

Inquestionavelmente, na base de toda e qualquer decisão teórico/prática diante de um texto a ser traduzido (seja de que tipo for), estão crenças filosóficas, conscientes ou não conscientes. A história tem demonstrado isso largamente e é importante que o estudante, tradutor, ou simples curioso pela temática da tradução tenha consciência desse fato. Não somos tão livres assim na escolha desta ou daquela teoria para balizar nossas ações. Seremos mais livres se tivermos consciência do que está ‘direcionando’⁴ nosso comportamento no mundo, para, pelo menos, concordarmos ou discordarmos e buscarmos novas alternativas. Isso se aplica a qualquer tipo de interpretação, avaliação e decisão relativamente às questões tradutórias em seu sentido estrito, mas, e antes de mais nada, às questões de tradução da própria realidade interna e externa do indivíduo, às ‘traduções das sociedades’, às ‘traduções do mundo’. Aparece aqui o tema da tradução de teorias, questão crucial para os Estudos da Tradução, sobre o que falaremos oportunamente.

Voltemos agora a atenção para o que tem acontecido nos estudos comparados e de tradução em termos locais, apontando alguns eventos que julgamos representativos do direcionamento da pesquisa na área da Literatura Comparada em nosso país nos últimos anos, no cenário do novo paradigma de pensamento.

⁴ Sabe-se que o balizamento das ações humanas encontra motivação nas tendências filosóficas, religiosas e científicas que ficam bastante nítidas quando se estuda - através do tempo - a história das ideias ou das mentalidades (também denominada de história cultural). Sobre o tema, ver, por exemplo: VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987; pp.15,17 e 24.

Se na década de 2010 para falarmos do espaço das ciências humanas e da tradução estamos utilizando o conceito de *zonas*, isso está relacionado ao processo de significação desse conceito sob a influência das ideologias que campeiam nos séculos XX e XXI e cuja marcha se caracteriza pelo desassossego provocado pela ruptura com os ideários do positivismo, modernismo e estruturalismo, com ênfase agora àqueles dualismos em que se constata as oposições aos valores modernos. Essa marcha inquieta, cheia de oscilações e sobressaltos, vem na esteira da reflexão sobre questões de (quebra de) hierarquias, diferença, limites, fronteiras, centro/periferia, local/ global, migrações, diásporas etc⁵.

Em termos locais, a voz da polêmica ideológica pós-moderna, entre nós institucionalmente organizada e representativa na publicação *Limites* – 3º Congresso ABRALIC (1992), traz em seu próprio título o tema do que seria a conferência maior do evento – “The situation as na internal limit - Constraints of Post-Modern Architecture”, na qual Fredric Jameson (p.15-30) discute uma concepção de limite formal e estético, mais especificamente dos limites do pós-modernismo – conceito decisivo para o pensamento científico contemporâneo.

Ilustremos isso, lembrando, por exemplo, títulos/temas de outras publicações relacionadas às reflexões desenvolvidas em eventos da Literatura Comparada brasileira nos aproximadamente últimos vinte anos (isso só para ficarmos em alguns exemplos nacionais). Em 1994, foi publicado *Literatura e Diferença* (IV Congresso ABRALIC, em São Paulo). Em sua apresentação, se lê:

(...) a circulação literária foi pesquisada e estudada com ênfase no descentramento de óptica, de forma a se analisar, com os pés na periferia, as imbricações entre o regional e o nacional, entre o nacional e o supranacional e entre a série literária e as demais séries culturais. Deve-se registrar que essa perspectiva do descentramento de óptica, numa situação histórica de supranacionalidade e de ascensão de comunitarismos, colocou-se entre as preocupações centrais dos congressistas, inclusive entre as participações do Exterior (p.IX).

Em 1996/1997, nos Anais do 5º Congresso da ABRALIC, observa-se uma consolidação desse escrutínio do que vinha sendo produzido na área dos estudos literários comparados no Brasil, em termos além fronteiras da ‘literariedade’ – conceito estruturalista – abrindo-se um leque de investigações que extrapolam o exame da

⁵ Fredric Jameson (1992:18-21) utiliza o quadrado semiótico de Greimas como ferramenta para delinear os limites internos de algo que ele próprio diz ser “sem fronteiras ou leis”, o pós-modernismo. É interessante como o autor elabora suas ideias a partir de um sistema fechado (o referido quadrado), para criativamente transgredi-lo.

linguagem literária *em si* e apontam para uma imbricação com os estudos antropológicos, etnográficos, de gênero e de questões canônicas. Isso se comprova por alguns dos subtemas do evento (p. 7): “Cenários da Cidade”; Nacionalismos, Etnias e Sexualidades”; Pós-colonialismos e Identidades Culturais, “Globalização, Tradução e Trocas Culturais e Práticas e Instâncias Canônicas: Teoria, Crítica e Historiografia Literárias.

Nessa perspectiva ainda, consideramos, em nível nacional, o texto organizado por Rita Schmidt *Nações/Narrações: nossas histórias e estórias* (1996) entre os mais instigantes e didáticos, quanto ao objetivo de levantar e tratar das temáticas/polaridades mencionadas no início do comentário sobre dualismos e oposições ao modernismo e sobre as reflexões nos congressos de literatura aludidos. Nessa publicação, sob o influxo do pós-estruturalismo, e aglutinadas pela análise do conceito de *nação* e *narração/ções*, as ideias contidas no raciocínio crítico desenvolvido nos trabalhos já se inclina para o estudo mais afinado de identidade cultural e dos complexos elementos presentes na significação das questões sócio-econômico-culturais que se revelam nos textos da literatura, quando lidos à luz da matriz de pensamento pós-moderna. É a própria organizadora quem declara no Prefácio da obra (p. 7):

Essa temática [nações/narrações – nossas histórias e estórias], inspirada no trabalho desenvolvido por Homi Bhabha, contempla alguns dos aspectos nucleares do debate teórico-cultural contemporâneo no que diz respeito a mudanças de paradigmas nas conceptualizações do nacional, de identidade nacional e de diferença cultural. Essas mudanças têm-se processado no contexto do dismantelamento da concepção totalizadora de cultura nacional, una e falaciosamente integrativa, atrelada à fixidez espacial da concepção de estado-nação, e da emergência de culturas locais e regionais que promovem a rearticulação de identidades plurais – de raízes étnicas, culturais, raciais e de gênero – que, por força do poder dirigido para o interior da própria cultura, foram historicamente empurradas para as margens. Na medida em que o termo ‘cultural’ deixa de ser um predicado do termo ‘nação’, nos moldes do que tradicionalmente se entendeu por ‘nacionalismo cultural’, para se referir a um processo fluido, simbólico e gerativo de formas disjuntivas de representação que as limitações do conceito de nação-estado não pode mais abarcar, delinea-se com um campo hermenêutico de discursos, significados e narrativas que interpelam a identidade hegemonicamente construída, bem com a história institucionalizada da moderna coesão social – todos em um – que a socializou.

E eis que em *Culturas, Contextos e Discursos – Limiares Críticos no Comparatismo* (1999), surge o conceito de *zonas*, associado ao qualificativo *liminares*, para aludir ao processo de interpenetração crítica desses conceitos antes bipolarizados. Com efeito, a referida publicação, resultado de seminário do GT da ANPOLL realizado

na UFRGS, sob a coordenação de Tânia Carvalhal, e com dimensões internacionais, num esforço interdisciplinar, buscava a confrontação de discursos com a criação da linha de pesquisa “Limiars críticos no comparatismo”, uma conseqüência natural à demanda de atenção para os questionamentos dos limites disciplinares, teóricos e metodológicos, dos entrecruzamentos de classificações questionadas pelas dúvidas taxonômicas. Na ocasião, conforme Lisa Block de Behar,

se a atualidade literária, estética, teórica, crítica e hermenêutica hesita diante de um conhecimento que, em movimento, se instala no intervalar, abarcando a uma só vez espaços distintos, julga-se que se deva dar mais atenção, além da requerida por centros e periferias, a *zonas liminares* onde os gestos de iniciação propiciem a formulação de conceitos, onde os limites vão penetrando progressivamente espaços que não se determinam com nitidez (p.10).

A autora estabelece uma analogia entre esse quadro e o que acontecia na academia, instituições mediáticas e literárias, relativamente aos limites difusos e ao mesmo tempo afins, dando lugar a

diversos entrecruzamentos e controvérsias que, como as discussões sobre o cânone, sobre os gêneros, sobre a vigência da própria instituição literária, fazem dos marcos um espaço de luz e sombra, um umbral que habilita o acesso a uma interioridade sempre enigmática ou que avança em direção de uma exterioridade que não se subtrai às inscrições de uma escrita, que filtra tanto a realidade quanto a ficção, representando-a e configurando-a (p.11).

Lisa Block de Behar chama a atenção para a contradição originada pela tentativa de equacionamento dessa problemática, pois

estas preocupações com *o limite, a fronteira, a margem, o contorno*, se encontram no centro das reflexões literárias que transformam a *localização* em tema e matéria de seus objetivos disciplinares onde a comparação, a articulação entre culturas, as linhas de contraste e coincidência se constituem na *topografia* destas investigações (p.11).

Com base nessa configuração, Carvalhal (p.11) estabelece uma correspondência metodológica entre a linha de pesquisa “Limiars Críticos” e a própria noção de comparatismo

“que contrasta, confronta, ultrapassa limites, buscando reconceituar noções tradicionais e sublinhar a importância, para a reflexão comparatista atual de questões como apropriação, hibridismo, interpenetração cultural, cruzamentos discursivos, disseminação espacial, multiculturalismo”.

O que nos parece extremamente importante para os Estudos de Tradução e para os métodos comparativos, ainda hoje, é o que Carvalhal aponta logo a seguir no mesmo texto e que, pelo seu caráter iluminador, vale a pena ser aqui citado. O contexto da citação é o da discussão da ‘diluição de fronteiras’ e da questão da ‘contextualização’,

como fundamentos para tratar dos temas das especificidades culturais, da fronteira “como um espaço móvel e sempre refeito do ‘híbrido’ onde os contatos e as interpenetrações se efetuam, são objetos concretos de uma reflexão que se ocupa com as transferências, as passagens, as migrações e as trocas (p.11). Nesse contexto, Carvalhal destaca o seguinte:

Transladar, como metáfora essencial aos processos de contatos e de apropriações culturais, ganha para nós um sentido muito especial quando se trata do traslado de teorias, da importação de modelos, de sua deformação e aplicação em contextos diversos daqueles em que elas se originaram.

(...)

Para críticos como Hillis Miller, o evento mais importante para os estudos literários dos últimos trinta anos na América do Norte foi sem dúvida a assimilação, a domesticação e a transformação das teorias européias. E de vários tipos: fenomenológica, lacaniana, marxista, foucaultiana, derrideana etc. Isto pode ser pensado também para a América Latina, embora em cada lugar essa translação ocorra de diferentes modos, de acordo com regras diferentes e necessidades próprias.

Nessa altura do texto, Carvalhal lança uma questão de primordial importância - por ser básica para a reflexão sobre a natureza da(s) teoria(s) transladadas e por constituir permanente desafio para o pesquisador às voltas com a referida translação. A autora traz a campo a necessidade de se investigar como e por que se deu esse processo de translação de teorias em cada lugar e em momentos determinados e pergunta: “é possível ‘transladar teorias’, quando os exemplos que as amparam são topograficamente localizados? Sabe-se que não há teorias sem exemplos e que eles vinculam a teoria não apenas a uma língua ou a uma cultura específica mas a obras particulares no corpo desta cultura” (p.12).

A indagação acima provocou (e cremos que continua a incitar) questionamentos sobre os modos dessa tradução, “as maneiras de diluir e ultrapassar fronteiras”, segundo a própria autora (p.12) e que estão “presentes nos procedimentos comparativos”. Ou seja, o método comparativo foi e continua sendo o veículo revelador do curso e feições da tradução de ideias e de culturas.

Eventos seguintes e suas respectivas publicações, como por exemplo: *Terras e Gentes* - VII Congresso da ABRALIC (2000), *Transversões* - I Colóquio Sul de Literatura Comparada e Encontro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL (2001), *Mediações* - VIII Congresso Internacional ABRALIC (2002), *Travessias* - IX Congresso Internacional da ABRALIC (2004) deram continuidade e amplitude a esse tipo de reflexão e questionamento, alargando o debate sobre as questões de fronteira (que aliás começara de forma substantiva entre nós com a publicação *Limites*

anteriormente referida) e por consequência natural sobre as trocas culturais, tradução, processos de transculturação, migração, exílio, viagem, nomadismo, liminaridade, trânsitos da literatura e sua produção, tradição, memória e identidade, intertextualidade e interdisciplinaridade.

Pelo que se percebe em congressos, seminários, discussões de currículo na academia e em textos de crítica, esses questionamentos continuam na ordem do dia, embora evidentemente com vários desenvolvimentos e produção acumulada nos últimos anos que merece e deve ser conferida, antes mesmo ou talvez paralelamente ao estudo e aplicação das sugestões de Apter e Cronin - que comentamos na parte inicial deste trabalho.

Ao tratar da (sempre presente) questão do papel da tradução em sua relação com a literatura e a cultura, (essencial, no caso dos cursos superiores de tradução), levando em consideração o percurso assinalado, pode-se concluir que a literatura e as demais áreas humanas, embora com fronteiras disciplinares delineadas⁶, interpenetram-se continuamente. O fator de definição desta relação é a tradução das teorias que enformam esta relação. A tradução (a mais interdisciplinar das atividades) vincula-se de maneira muito especial com a literatura, especialmente com a Literatura Comparada. A Literatura Comparada, em nosso ponto de vista, é um modo de ler. Na Literatura Comparada há a primazia do confronto, do estudo da diferença. Este é o estudo que, sublinhando a diferença, faz o diferente ser respeitado: de mãos dadas com os Estudos de Tradução, foi uma das bases dos estudos pós-coloniais. Juntamente com os Estudos de Tradução, pode auxiliar a tornar nossos paradigmas e experiências no mundo contemporâneo inteligíveis⁷, o que é condição primeira para transpor limites e avançar.

REFERÊNCIAS

APTER, Emily. *The Translation Zone: a New Comparative Literature*. Princeton: Princeton UP, 2005.

BASSNETT, Susan. *Comparative Literature: a Critical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1993.

⁶ Não vamos aqui discutir a problemática dessa delimitação que é complexa e foge ao foco do trabalho.

⁷ A leitura do capítulo “Limiares, passagens e paradigmas: o curso da pesquisa” de Tania F. Carvalhal. In: I Colóquio sul de Literatura Comparada e Encontro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL. *Trans/versões Comparatistas*. Anais. Porto Alegre: Instituto de Letras/PPG-Letras, 2001 (147-150) foi importante para esta conclusão. Neste mesmo capítulo, recomendo ver especialmente sugestões para a prática e pesquisa comparatista.

_____. Estudos de Tradução. Tradução de Sônia T. Ghering, Letícia V. Abreu, Paula A. Antinolfi. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

_____; LEFEVERE, André. *Constructing Cultures – Essays on Literary Translation*. Clevedon/Philadelphia/Toronto/Sydney: Multilingual Matters, 1998.

BERMANN, Sandra. Traduction et Traducteurs/Translation and Translators. *Recherche Littéraire/Literary Research*. Virginia: George Mason University and ICLA, v.26, n.51-2, (Summer 2010), p.15-20).

CAMPS, Assumpta (ed.). *Ética y política de la traducción em la época contemporânea*. Barcelona: PPU, 2004.

CAMPOS, Haroldo. Paul Valéry e a poética da tradução. In: COSTA, Luiz Angélico da (org.) *Limites da Traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, 1996.

COLÓQUIO SUL DE LITERATURA COMPARADA (1. 2001: Porto Alegre). *Trans/versões comparatistas: anais /1 Colóquio Sul de Literatura Comparada e Encontro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL*. BITTENCOURT, Gilda N.S.(org.). Porto Alegre: Instituto de Letras, PPG/Letras da UFRGS, 2002.

5º CONGRESSO ABRALIC. CÂNONES E CONTEXTOS; Anais. Rio de Janeiro: 1997.

CARVALHAL, Tania F. (coord.). *Culturas, Contextos e Discursos – Limiares Críticos no Comparatismo*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CRONIN, Michael. *Translation and Globalization*. London: Routledge, 2003.

_____. *Translation and Identity*. London: Routledge, 2006.

Culler, Jonathan, “Comparative Literature, at Last”, in *Comparative Literature in an Age of Globalization*, ed. H. Saussy. Baltimore: John Hopkins, 2006.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

JAMESON, Fredric. The situation as an internal limit – constraints of Post-Modern architecture. In: *Limites – 3º Congresso ABRALIC*. São Paulo: Edusp/Abralic, 1992.

LEFEVERE, André. *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. New York: MLA, 1992.

LITERATURA E DIFERENÇA. IV CONGRESSO ABRALIC. ANAIS. São Paulo: ABRALIC, 1994.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997.

- MEDIAÇÕES – VIII Congresso Internacional ABRALIC. Belo Horizonte: Abralic, 2002.
- PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets Editores, 1981.
- PYM, Anthony. *Exploring Translation Theories*. London / New York: Routledge, 2010.
- SAID, Edward W. *Orientalism*. New York/Toronto: Random House, 1978.
- _____. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage, 1993.
- _____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Humanism and Democratic Criticism*. New York: Columbia UP, 2004.
- SCHMIDT, Rita T. (org). *Nações/narrações: nossas histórias e estórias*. Porto Alegre: ABEA, 1997.
- SNELL-HORBY, Mary. *Translation Studies – An Integrated Approach*. Amsterdam/Phyladelphia: John Benjamins, 1995.
- SPIVAK, Gayatri. *Death of a Discipline*. New York: Columbia UP, 2003.
- _____. *In Other Worlds: Essays in Cultural Politics*. Foreword by Colin MacCabe. London: Methuen, 1987.
- _____. Translating into English. In: *Nation, Language and the Ethics of Translation*. BERMANN, S.; WOOD, M. (Eds.). Princeton: Princeton UP, 2005 (93-110).
- TRAVESSIAS – IX Congresso Internacional ABRALIC. Porto Alegre: UFRGS/ABRALIC, 2004.
- VIDAL, Maria del Cármen. *El Futuro de la Traducción – Últimas teorías, nuevas aplicaciones*. Valencia: Institució Alfons el Magnànim, 1998.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- WELLEK, René. A crise da Literatura Comparada. In: COUTINHO, Eduardo e CARVALHAL; Tânia F. *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.